



Foto: Vani Ribeiro / Wikipédia

Com o tema *Nhe'éry, plantas e literatura*,
a 19^a Festa Literária de Paraty acontece
de 27 de novembro a 5 de dezembro, em formato virtual

Nhe'éry (*pronuncia-se nheeri*) é como o povo Guarani chama a Mata Atlântica, uma denominação que revela a pluriversalidade da floresta. Como explica o cineasta e líder do povo Guarani Mbya, Carlos Papá, Nhe'éry quer dizer “onde as almas se banham”. Além disso, Nhe'éry também conduz mensagens através de fios de palavras



19^a Festa Literária Internacional de Paraty

O viés da edição de 2021 é o de enlaçar, com esses fios de palavras, a literatura, essencial para se pensar o mundo e as relações entre humanos e não humanos. A grande importância das plantas nas obras literárias precisa ser destacada: os buritis de Guimarães Rosa, o Jardim Botânico e as flores de Clarice Lispector, as árvores de Fernando Pessoa, as folhas de Mãe Stella de Oxóssi, a bananeira de Bashô, as palmeiras e matas de Amos Tutuola, o herbário de Emily Dickinson, a polinização cruzada de Waly Salomão, o planeta-floresta de Ursula K. Le Guin, a floresta e a escola de Oswald de Andrade, seguindo-se novos fios de palavras de ficcionistas e poetas da contemporaneidade.

O texto literário, sob forma de narrativa, poesia ou drama, em registro oral ou escrito, tem dado uma contribuição fundamental para o respeito e a valorização das diferentes formas de vida. É a partir dessa perspectiva que a Flip se transforma em labo-

ratório e busca outras expressões, linguagens, perspectivas e mundos.

O evento traz a floresta como inspiração para a Festa deste ano: a diversidade, a colaboração em vez da competição, a capacidade regenerativa, a rede de comunicação estabelecida no ar e na terra entre as raízes das árvores e as hifas dos fungos, as alianças formadas por águas, pedras, plantas, ventos, insetos, pássaros e todos os viventes.

Mauro Munhoz é o diretor artístico do evento, que também conta com um inédito coletivo curatorial formado por Hermano Vianna, Anna Dantes, Evando Nascimento, João Paulo Lima Barreto e Pedro Meira Monteiro.

Hermano Vianna, antropólogo de formação, e misturador geral de informações, coordena o trabalho do coletivo; Anna Dantes é colaboradora da *Escola Viva Huni*

Kuin há mais de dez anos e uma das fundadoras do *Selvagem* – Ciclo de estudos sobre a vida; Evando Nascimento é escritor e filósofo, pioneiro na reflexão sobre literatura e plantas no Brasil; João Paulo Lima Barreto é antropólogo do povo Tukano, do Alto Rio Negro, fundador do Centro de Medicina Indígena em Manaus; e Pedro Meira Monteiro é professor da Princeton University e um dos fundadores da oficina *Poéticas Amazônicas*, no Brazil LAB da Universidade.

Com datas marcadas entre 27 de novembro e 5 de dezembro, a Flip quer atuar como um laboratório de aprendizagem dos ensinamentos a partir de *Nhe’éry*, e abrir espaço para refletir sobre as questões da contemporaneidade e a superação de suas crises do ponto de vista artístico, semântico, cognitivo, ambiental, político e socioeconômico. Nesse sentido, a programação vai dialogar com criadores, pensadores e conhecedores que têm se voltado para ancestralidades e outros modelos de organização social e visões diferentes do conhecimento.

Na programação geral, as mesas e intervenções videográficas buscarão um formato híbrido, sem presença de público, em um momento ainda delicado da pandemia de Covid-19. Tudo em caráter laboratorial, tudo em construção, tudo na base de experimentações intelectivas e sensoriais. Tudo em busca de novos caminhos que conduzam a um mundo mais justo, igualitário, sustentável e criativo. Será então uma Flip em

defesa da arte, da vegetação que protege o planeta e, sobretudo, da vida em suas múltiplas configurações.

Sobre a decisão de não realizar uma Flip presencial, o coletivo foi categórico: “não é o momento certo”. Além de homenagear vítimas da pandemia, Mauro Munhoz explicou que a decisão faz parte também de uma desaceleração necessária. “Precisamos nos reeducar, diversificar o repertório. Ainda não temos segurança para imaginar juntar 20 mil pessoas para se aglomerar no centro histórico de Paraty, declarou.

HOMENAGEM

Ainda seguindo as lições de *Nhe’éry*, no lugar de um(a) escritor(a) homenageado(a), a Flip faz uma homenagem coletiva, para todo(a)s o(a)s pensadore(a)s /conhecedore(a)s/mestre(a)s indígenas que tiveram suas vidas interrompidas pela Covid-19. Gente de várias florestas do Brasil, gente discípula das plantas. A Flip 2021, inspirada em projetos como o emocionante *Memorial Vagalumes* – que guarda parte da memória das pessoas indígenas que se foram com a Covid-19 –, quer cultivar e espalhar suas sabedorias por todo o mundo. Trata-se de pessoas-enciclopédias, bibliotecas vivas que não podem desaparecer.

Entre os nomes estão Higino Tenório, escritor, benzedor, especialista em arte rupestre, professor e fundador da primeira escola indígena do povo Tuyuka; Feliciano

Lana, artista plástico e escritor do povo Desana, conhecido internacionalmente; Zé Yté, colaborador central dos mais importantes estudos sobre a etnobiologia Kayapó; Maria de Lurdes, guardiã das plantas de cura do povo Mura; Meriná, mestra de rituais de cura e benzeimentos do povo Macuxi; Alípio Xinuli Irantxe, mestre das flautas do povo Manoki; Domingos Venite, Guarani, líder da maior terra indígena do estado do Rio de Janeiro, militante de novas políticas de saúde indígena.

Em paralelo, a Festa celebrará a obra de muitas outras pessoas de vários povos indígenas. Através desses nomes, a Flip também homenageia todas as vítimas da pandemia, entre elas gente de outras sabedorias e narrativas como Nelson Sargent, Aldir Blanc e Zé de Pai-zinho (mestre do samba de aboio sergipano), além dos poetas Olga Savary, Maria Lúcia Alvim e Vicente Cecim e o ficcionista Sérgio Sant'Anna.

A PROGRAMAÇÃO

A Flip sempre manteve uma relação próxima com a região de Paraty e esse vínculo permanece, mesmo com a edição virtual. As mesas do programa principal

serão exibidas em lugares espalhados por todo o território local e arredores, não apenas no centro histórico. Em cada um desses pontos haverá um moderador dedicado a interagir com o público que lá estiver e essas manifestações culturais com personagens

de Paraty, registradas no local, serão integradas à Programação Principal da Flip.

Munhoz explicou que essa ideia surgiu das próprias instituições culturais de Paraty que começaram a transmitir o conteúdo da Flip para pequenas audiências locais, como se fosse um "programa de formação de público".

Toda a programação será transmitida pelo canal da Flip no YouTube:

<https://www.youtube.com/c/flipfestaliteraria>

Mais informações em www.flip.org.br

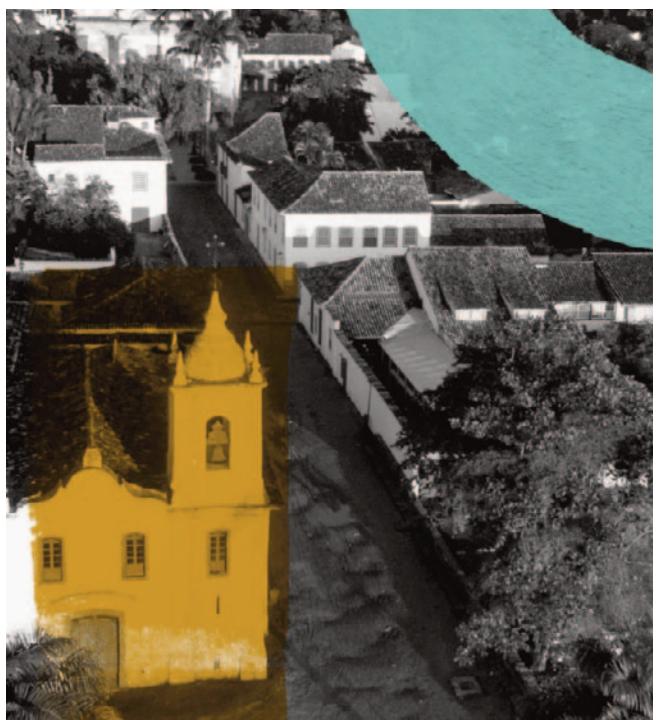


Foto: Site oficial da Flip / Divulgação